

Adriana Araújo Pereira Borges
Adriana Maria Valladão Van Petten
Adriano César Machado Pereira
Maria Luísa Magalhães Nogueira

IMPACTO DA COVID-19

na educação de alunos com deficiência:
o que dizem os familiares

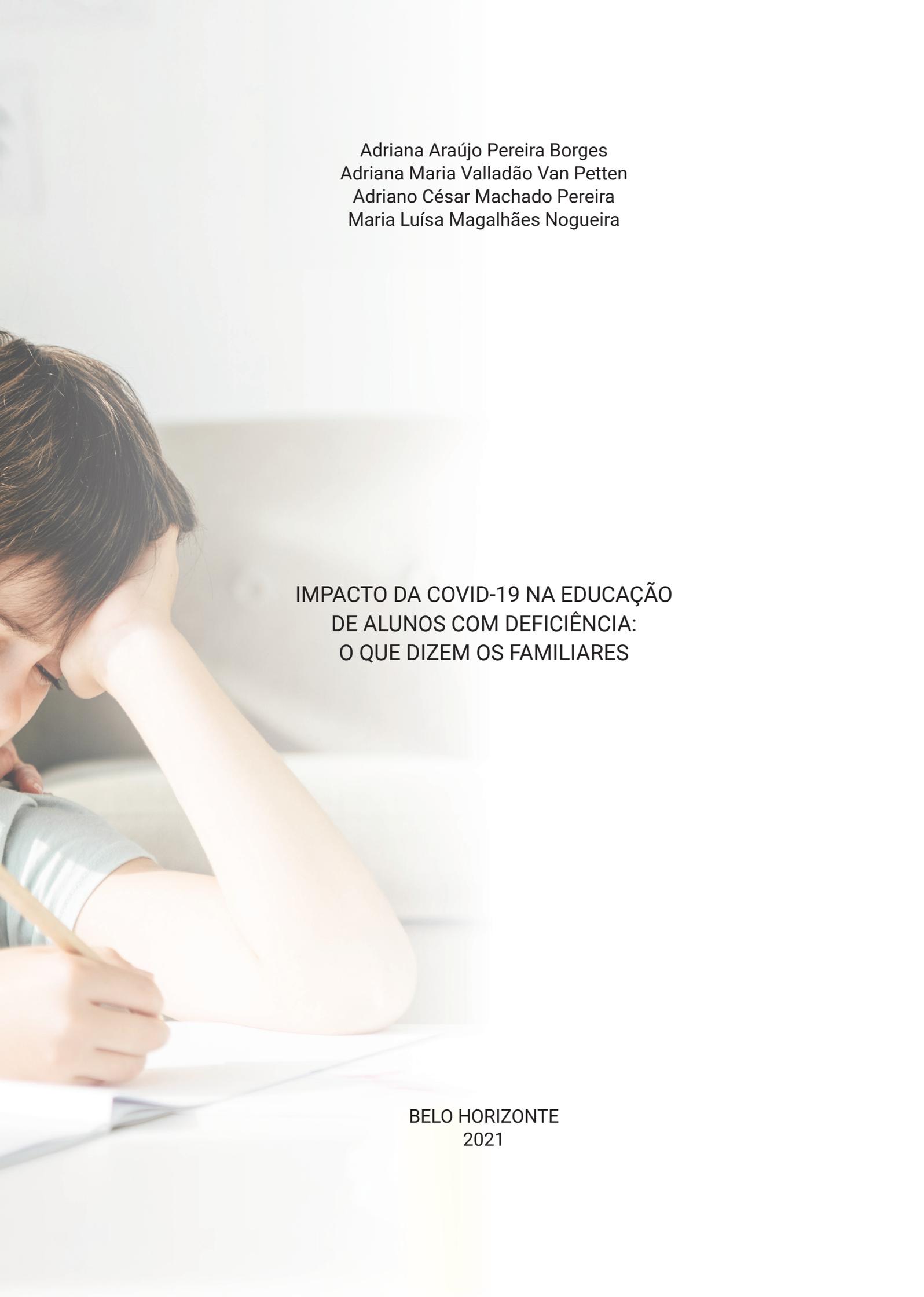


UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS



Grupo de Pesquisa
infinito
inclusão, inovação e transformação





Adriana Araújo Pereira Borges
Adriana Maria Valladão Van Petten
Adriano César Machado Pereira
Maria Luísa Magalhães Nogueira

**IMPACTO DA COVID-19 NA EDUCAÇÃO
DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA:
O QUE DIZEM OS FAMILIARES**

BELO HORIZONTE
2021

B732i

Borges, Adriana Araújo Pereira, 1972-

Impacto da Covid-19 na educação de alunos com deficiência [recurso eletrônico] : o que dizem os familiares / Adriana Araújo Pereira Borges [et al]. - Belo Horizonte : UFMG, 2021.

[36 p.] : il, color.

ISBN: 978-65-88446-07-2.

Outros autores: Adriana Maria Valladão Van Petten; Adriano César Machado Pereira e Maria Luísa Magalhães Nogueira.

[Relatório do estudo realizado pelo Grupo de Pesquisa Infinito].

Bibliografia: p. [36].

1. Educação especial. 2. Crianças deficientes -- Ensino à distância. 3. Educação de crianças. 4. COVID-19 (Doença) -- Aspectos educacionais -- Relatórios. 5. Pandemia -- Aspectos educacionais -- Relatórios. 6. Relatórios educacionais. 7. Crianças -- Isolamento social. 8. Família e escola.

I. Título. II. Petten, Adriana Maria Valladão Van, 1966-. III. Pereira, Adriano César Machado, 1975-. IV. Nogueira, Maria Luísa Magalhães, 1975-. V. Universidade Federal de Minas Gerais, Grupo de Pesquisa Infinito.

CDD- 371.9

CDU- 376

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

LISTA DE GRÁFICOS

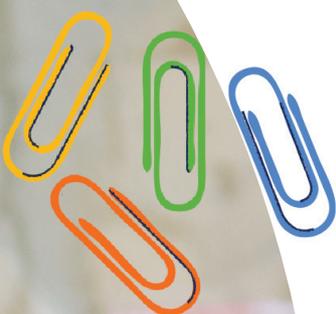
MAPA 1 – Mapa sobre a representatividade da amostra entre os estados brasileiros.....	12
GRÁFICO 1 – Estado de origem dos respondentes do aluno.....	13
GRÁFICO 2 – Frequência de resposta sobre parentesco com o aluno.....	13
GRÁFICO 3 – Faixa etária dos respondentes.....	13
GRÁFICO 4 – Frequência da resposta sobre a escolaridade do respondente.....	14
GRÁFICOS 5 e 6 – Percentual de respondentes empregados e, dentre estes, percentual trabalhando em casa	14
GRÁFICO 7 – Percentual de famílias que buscou auxílio emergencial.....	15
GRÁFICO 8 – Distribuição das respostas por tipo de escola e responsabilidade administrativa.....	17
GRÁFICO 9 – Distribuição dos alunos por tipo de deficiência (considerando que um mesmo aluno pode ter mais de um tipo de deficiência).....	18
GRÁFICO 10 – Diferença de distribuição dos alunos por tipo de deficiência entre escolas comuns e especiais (considerando que um mesmo aluno pode ter mais de um tipo de deficiência).....	18
GRÁFICO 11 – Faixa etária dos alunos matriculados em escolas comuns e especiais	19
GRÁFICO 12 – Ano escolar dos alunos matriculados em escolas regulares e especiais	19
GRÁFICO 13 – Tipos de recursos adicionais demandados pelos alunos para realização de atividades educacionais.....	20
GRÁFICO 14 – Percentual de alunos realizando atividades escolares em casa no período de coleta da pesquisa.....	21
GRÁFICO 15 – Alunos que estão ou não tendo atividades escolares em casa por tipo de escola e por responsabilidade administrativa.....	21
GRÁFICO 16 – Tipos de suporte oferecidos pelas escolas aos alunos que realizaram atividades escolares em casa.....	23
GRÁFICO 17 – Distribuição do tempo médio de duração das aulas síncronas realizadas em casa.....	24
GRÁFICO 18 – Distribuição dos alunos por tempo de tolerância às aulas síncronas realizadas em casa.....	25
GRÁFICO 19 – Percentual de alunos que realizam as aulas síncronas com autonomia.....	25
GRÁFICO 20 – Distribuição do tempo médio de duração das aulas gravadas realizadas em casa.....	26
GRÁFICO 21 – Distribuição dos alunos por tempo de tolerância às aulas gravadas assistidas em casa.....	27
GRÁFICO 22 – Percentual de alunos que realizam as aulas gravadas com autonomia.....	27
GRÁFICO 23 – Alunos que realizaram (sim) ou (não) atividades Para Casa por tipo de escola e responsabilidade administrativa.....	28
GRÁFICO 24 – Distribuição dos alunos por tempo de tolerância às atividades de Para Casa.....	29
GRÁFICO 25 – Percentual de alunos que realizam as atividades de Para Casa com autonomia.....	29
GRÁFICO 26 – Atividades planejadas para o aluno antes e durante a pandemia	30
GRÁFICO 27 – Responsável pelo planejamento de atividades específicas para o aluno.....	30
GRÁFICO 28 – Aquisição, manutenção ou perda de habilidades dos alunos durante o isolamento social	31
GRÁFICO 29 – Grau de agitação do aluno durante o período de isolamento social.....	31
GRÁFICO 30 – Motivos pelos quais o aluno não estava realizando atividades escolares em casa durante o período de isolamento social.....	32
GRÁFICO 31 – Percentual de alunos que realizam outras atividades pedagógicas não escolares.....	32
GRÁFICO 32 – Sentimento de falta do aluno em relação à realização de atividades escolares.....	33
GRÁFICO 33 – Aquisição, manutenção ou perda de habilidades dos alunos que não estavam realizando atividades escolares durante o isolamento social.....	33
GRÁFICO 34 – Grau de agitação dos alunos que não estavam realizando atividades escolares durante o período de isolamento social.....	34



SUMÁRIO

Apresentação.....	9
Sobre a Pesquisa.....	11
Dados Gerais.....	12
Estudante e Atividades Escolares.....	18
Considerações Finais.....	35

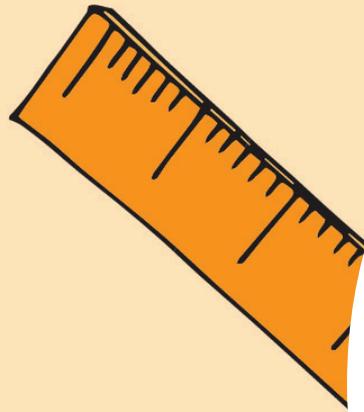
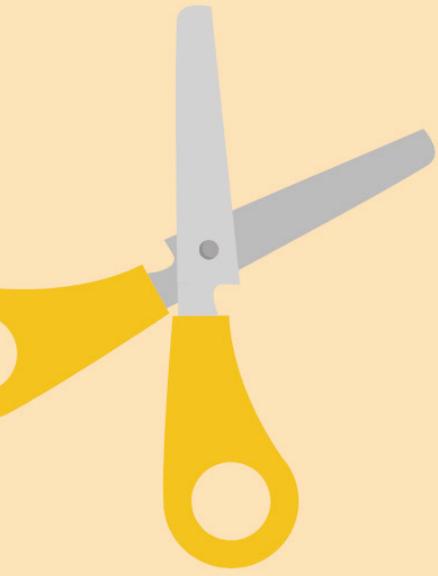




APRESENTAÇÃO

A pandemia da Covid-19 provocou o fechamento de escolas em todo o mundo. Estima-se que na América Latina e Caribe 170 milhões de crianças tenham sido afetadas. Embora a situação tenha impactado integralmente públicos diversos, alunos com deficiência, devido a sua condição de vulnerabilidade, enfrentam desafios maiores em relação à garantia dos direitos educacionais. Somadas às dificuldades dos professores em conseguirem ofertar o Ensino Remoto Emergencial, a situação das famílias e as especificidades das deficiências são fatores que interferem na oferta do serviço com qualidade. Grande parte dos estudantes com deficiência possuem características específicas de aprendizagem, necessitam de suportes de tecnologia assistiva, dependem de mediadores, dentre outras particularidades. O objetivo dessa pesquisa foi ouvir as famílias de

alunos com deficiência para compreender como a situação atual tem interferido no processo educativo dos filhos. A maior parte das questões buscou medir a percepção que os pais – ou outras pessoas mais próximas dos alunos – têm em relação ao tema. Portanto, as análises aqui feitas dizem respeito a essa percepção e não, necessariamente, ao problema em questão. A pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Infinito, coordenado por professores da Universidade Federal de Minas Gerais, ouviu as famílias sobre os desafios de garantir a educação dos alunos com deficiência no contexto da pandemia. Este relatório apresenta os resultados preliminares da pesquisa realizada no ano de 2020 com familiares de alunos da Educação Básica e pretende contribuir para que as peculiaridades desse público sejam levadas em consideração na proposição de ações educacionais adequadas para esses alunos. Não basta estar matriculado na escola, é necessário garantir ao aluno com deficiência situações de aprendizagem a partir da acessibilidade curricular, dos apoios adequados e suportes necessários.





SOBRE A PESQUISA

O estudo foi realizado pelo Grupo de Pesquisa Infinito por meio de um questionário *on-line* autoaplicado, disponibilizado na plataforma *Google Forms*. O questionário foi encaminhado por redes sociais e o período da coleta de dados foi de 22 de maio a 10 de junho de 2020. O questionário foi dividido em cinco blocos de questões:

1. Informações básicas/Perfil do respondente/familiar;
2. Estudante e atividades escolares;
3. Alunos que estão realizando atividades escolares (com participação ao vivo da professora e/ou aulas gravadas e/ou atividades Para Casa);
4. Habilidade e agitação do aluno em casa;
5. Alunos que não estão realizando atividades escolares remotas.

A amostra foi constituída por 1.043 questionários, respondidos por pessoas de diferentes localidades no Brasil. Convém ressaltar que a pesquisa teve dois eixos, um vertical e outro horizontal. O eixo vertical se relaciona ao tipo de escola: escolas regulares ou especiais. Interessava saber se as dificuldades enfrentadas pelos alunos das escolas regulares seriam as mesmas dos alunos de escolas especiais. E o eixo horizontal relacionado à realização ou não das atividades escolares por parte dos alunos com deficiência, incluindo as dificuldades apresentadas por ambos os grupos. Apresentamos a seguir alguns dos resultados obtidos.



DADOS GERAIS



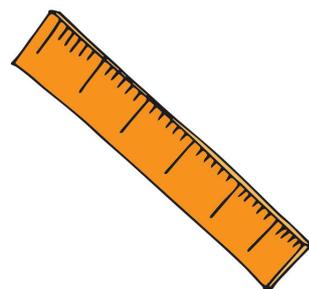
PERFIL DOS RESPONDENTES

O questionário foi respondido por pessoas de diversas regiões do país, sendo Minas Gerais o estado responsável por concentrar 69,89% dos respondentes. Além de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará representaram - cada - mais de 5% da amostra. Já os demais estados representaram parcela inferior a 5%. Apenas os estados do Acre, Amazonas, Amapá, Roraima, Rondônia e Tocantins não foram contemplados.

Mapa 1. Mapa sobre a representatividade da amostra entre os estados brasileiros

**Todas as ilustrações são de elaboração própria (2021).*

Impacto da Covid-19 na educação de alunos com deficiência: o que dizem os familiares



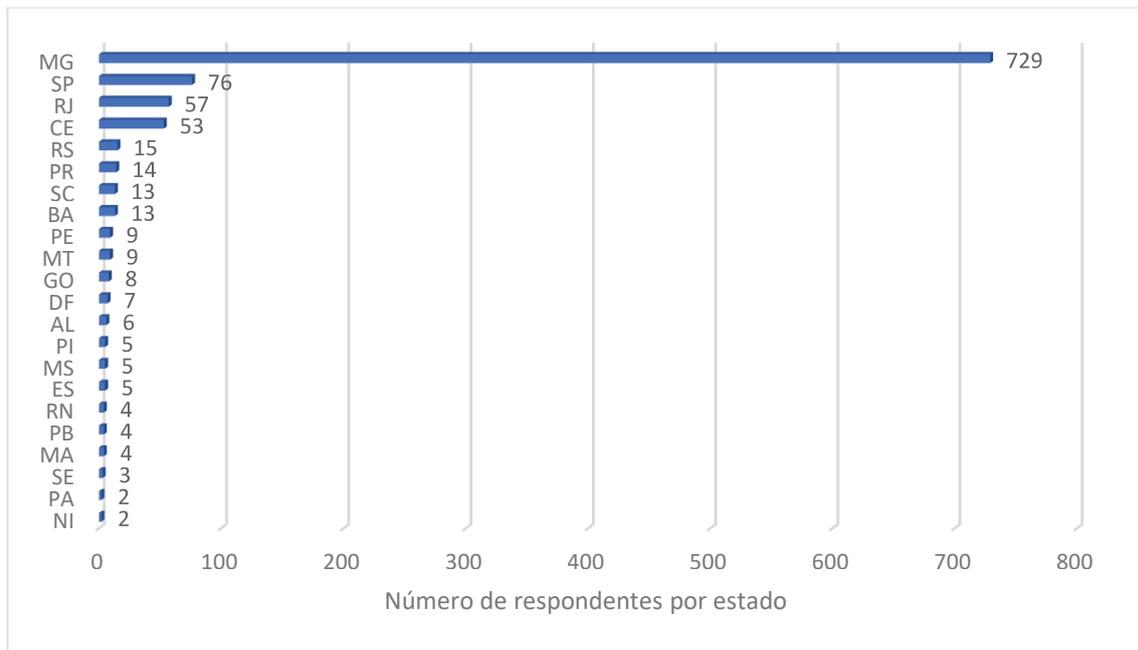
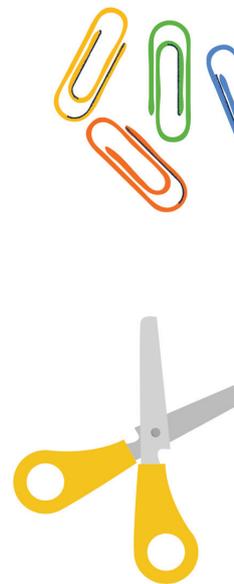


Gráfico 1. Estado de origem dos respondentes do aluno



Dos 1043 questionários respondidos, 769 (73,73%) foram respondidos por mães. As mulheres são as principais responsáveis pelos cuidados e educação dos filhos com deficiência. Para Orsati e Ashby (2016, p. 6) “as mães de crianças com deficiência assumem diferentes papéis para garantir a qualidade de educação e oportunidades para seus filhos”. Embora não existam dados confiáveis no Brasil sobre o abandono paterno face o nascimento de um filho com deficiência, o estudo intitulado “Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios”, de 2018, afirma que o número de famílias chefiadas por mulheres cresceu 105% entre os anos de 2001 e 2015, totalizando 28,9 milhões de famílias com essa configuração no ano de 2015.

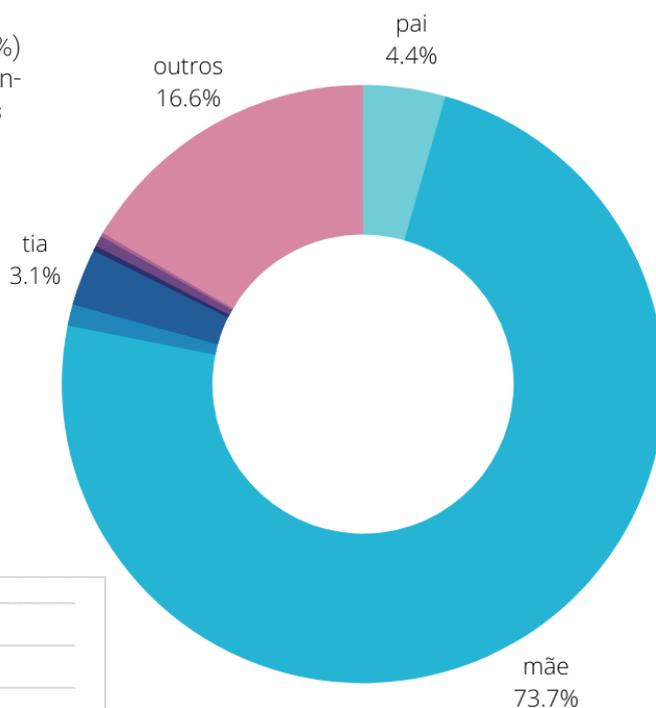


Gráfico 2. Frequência das respostas sobre parentesco com aluno

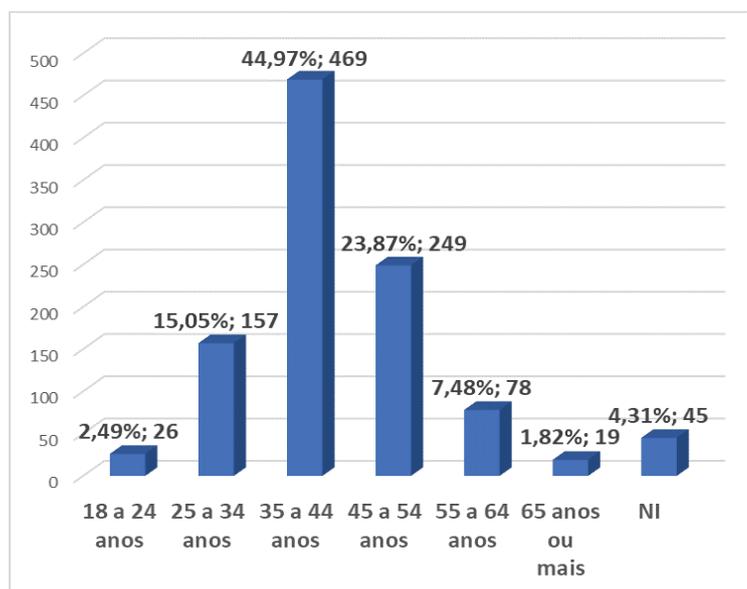


Gráfico 03. Faixa etária dos respondentes

A maioria dos respondentes se encontra na faixa etária de 35 -54 anos. A sigla NI neste e nos próximos gráficos significa ‘não informado’, correspondendo a respostas em branco ou que foram anuladas pelos respondentes.

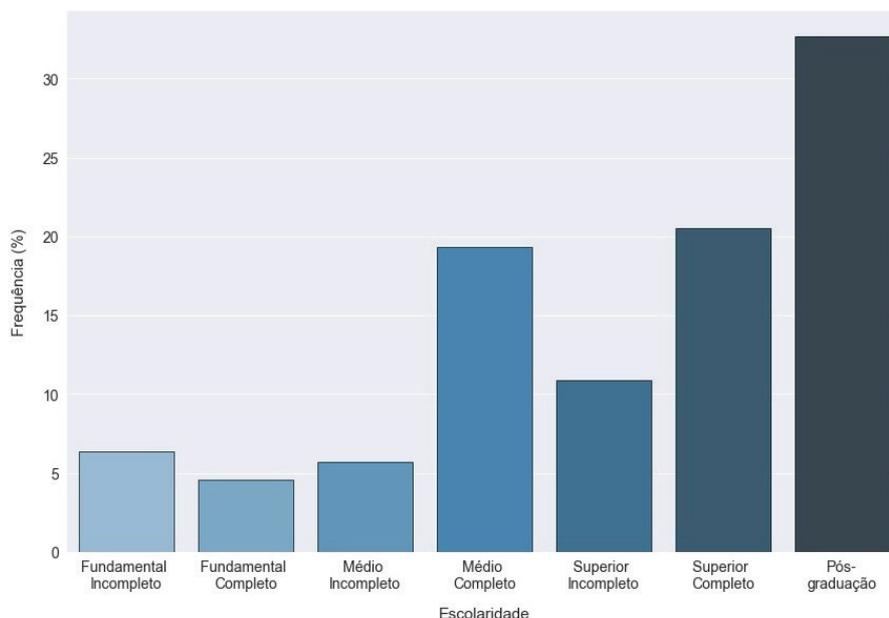
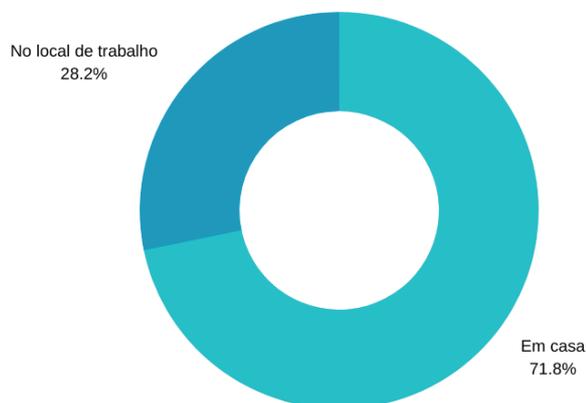
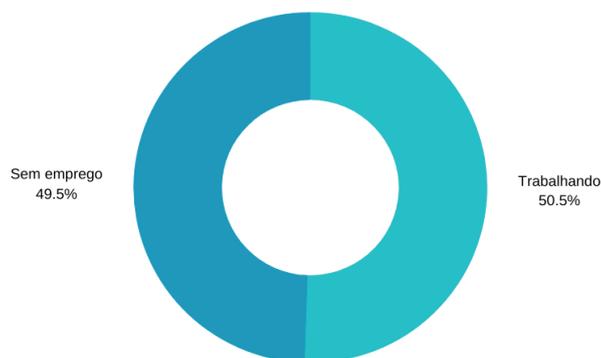


Gráfico 4. Frequência da resposta sobre a escolaridade do respondente

Sobre o nível de escolaridade, 63,85% das pessoas possuem pelo menos o ensino superior completo. Em contrapartida, 16,58% não chegaram nem a concluir o ensino médio.

CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS FAMILIARES

No momento da pesquisa, 50,53% dos respondentes estavam trabalhando, enquanto 49,47% estavam sem emprego. Dos que trabalhavam no momento da pesquisa, 71,51% estavam em trabalho domiciliar, enquanto 28,10% estavam exercendo suas funções no local de trabalho. Entre as famílias pesquisadas, 60,98% das famílias pesquisadas não precisaram de auxílio emergencial, enquanto 38,16% procuraram o auxílio.



Gráficos 5 e 6. Percentual de respondentes empregados e, dentre estes, percentual trabalhando em casa

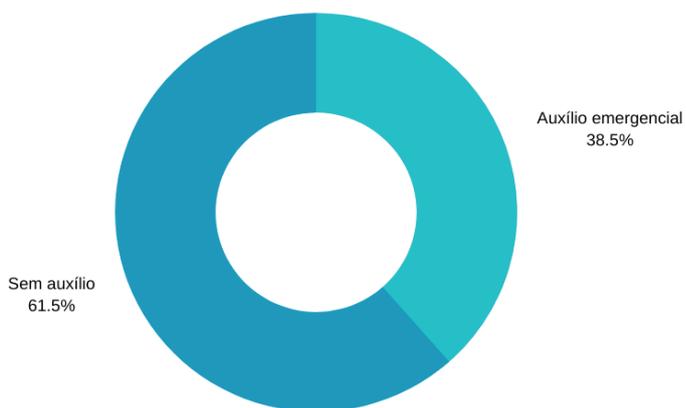
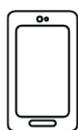


Gráfico 7. Percentual de famílias que buscou auxílio emergencial

A maioria das famílias tem computador em condição de uso em casa (73,44%), enquanto 26,17% não possuem. Já o celular está presente em 97,41% das residências. Questionados sobre o acesso à Internet, 93,77% dos respondentes disseram possuir internet em suas residências. É oportuno frisar que não foi questionado o tipo de internet, se banda larga ou dados móveis. Uma vez que a pesquisa ficou disponível *on-line*, presume-se que os respondentes tiveram acesso à internet, ou seja, esse dado é atravessado pelo formato da pesquisa, o questionário *on-line* autoaplicado.



73,44% das famílias têm computador com condições de uso



97,41% das famílias têm celular



93,77% das famílias têm acesso à internet





EIXO 1 VERTICAL: TIPO DE ESCOLAS

A Constituição Federal de 1988 define tipos de escolas que ofertam a Educação Básica no Brasil:

- A pública - entendida como aquela gratuita por ser mantida administrativa e financeiramente pelo poder público, equivalendo-se, dessa forma, à escola estatal, oferecida pelo Estado (Paoliello, 2010).

- A privada - as escolas privadas se subdividem em duas espécies: as lucrativas e as não-lucrativas.

Já a Educação Básica é dividida em três etapas:

- Educação Infantil, que atende as crianças com idade: 0 a 5 anos, em creches (0 a 3 anos) e pré-escolar (4 a 5 anos). A competência administrativa pertence aos municípios.

- Ensino Fundamental, etapa obrigatória, que atende alunos de 6 a 14 anos (idade ideal); é organizado em séries ou ciclos e a competência administrativa cabe aos Municípios (preferencialmente), com suporte dos estados (deve assegurar esta etapa de ensino).

- Ensino Médio, que contempla a idade de 15 a 17 anos (idade ideal), e cuja organização pode ser pro-

pedêutico ou profissionalizante, dividido em séries ou ciclos e de competência administrativa dos estados.

A Educação Especial é considerada uma modalidade do ensino que deve perpassar todos os níveis do ensino, da Educação Básica ao Ensino Superior. Mas, atualmente, no Brasil, as escolas especiais continuam prestando serviços educacionais. Algumas delas pertencem ao poder público e uma grande parcela dessas escolas é particular e sem fins lucrativos.

A escola regular oferta a educação comum, de acordo com as etapas de ensino e faixas etárias estabelecidas. A escola especial atende, exclusivamente, alunos com deficiências.



TIPOS DE ESCOLAS E RESPONSABILIDADE ADMINISTRATIVA

Em relação aos respondentes por tipo de escola, 76% dos participantes estavam matriculados em escolas regulares e 23% em escolas especiais. Aproximadamente 1% (14 respostas) dos respondentes não informou o tipo de escola.

Matrículas em escolas especiais continuam sendo realizadas, apesar da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva estar em vigor desde 2008. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, o percentual de matrículas de alunos incluídos em classes comuns aumentou gradativamente ao longo dos anos. Em 2016, o percentual de alunos incluídos era de 89,5% e, em 2020, passou para 93,3% (BRASIL, 2021).

Em relação às escolas onde se encontram matriculadas as crianças desta pesquisa, a maioria das matrículas (76%) está concentrada em escolas regulares, na seguinte ordem entre estas: 41% em escolas municipais, 36% em escolas particulares e 23% em escolas estaduais. As escolas especiais concentram 23% das matrículas, uma participação elevada quando comparada ao valor de referência do INEP, e em uma distribuição entre responsabilidades administrativas diferentes: 44% em escolas municipais, 30% em escolas estaduais e 26% em escolas particulares.

O percentual de matrículas em escola especial é ainda maior para a amostra dos estados de Minas Gerais (27%) e do Rio de Janeiro (30%) e bastante inferior para a amostra dos estados de São Paulo (13%) e Ceará (5,75%).

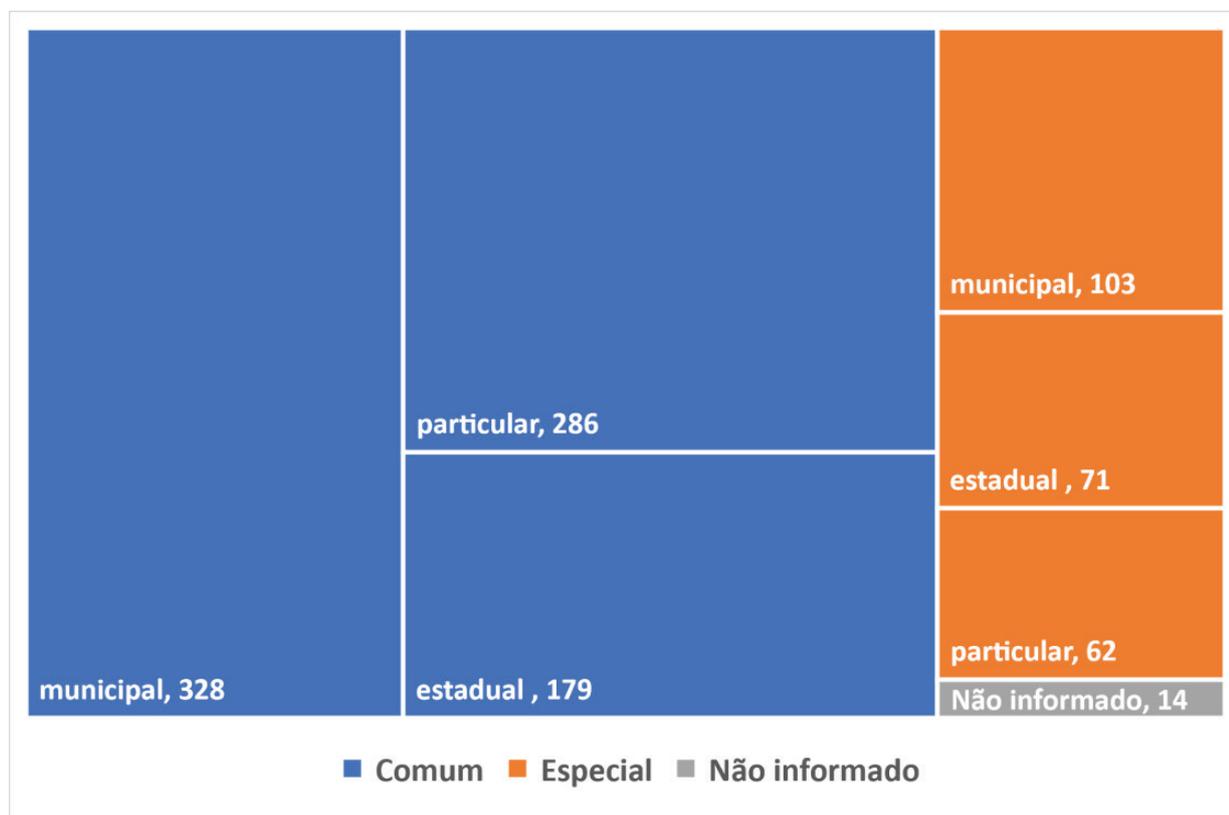
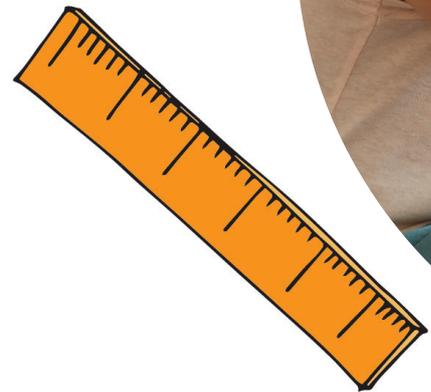


Gráfico 8. Distribuição das respostas por tipo de escola e responsabilidade administrativa

ESTUDANTE E ATIVIDADES ESCOLARES



DEFICIÊNCIAS

Sobre as deficiências, autismo e deficiência intelectual foram as condições mais frequentes entre as famílias respondentes. De acordo com os dados do INEP (BRASIL, 2021a), referentes ao ano de 2020, havia 1,3 milhões de matrículas de alunos considerados

Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) matriculados. Do total de alunos com deficiência matriculados nas escolas, 246.769 alunos apresentavam o diagnóstico de autismo e havia 870.483 alunos com deficiência intelectual.

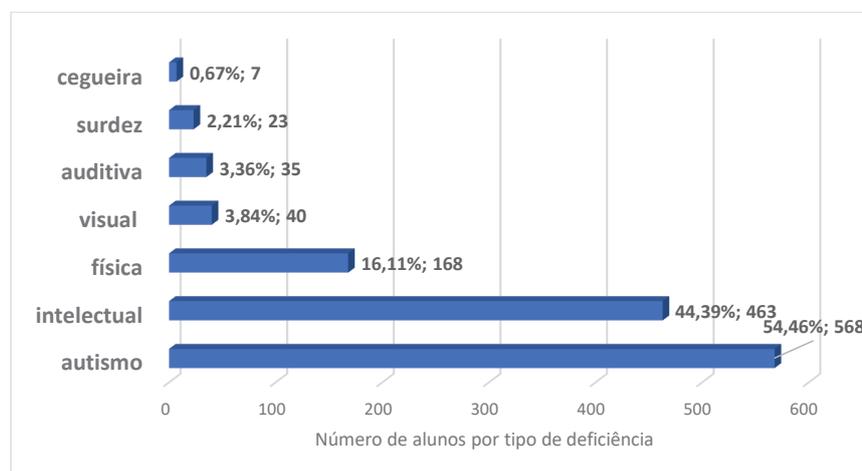


Gráfico 9. Distribuição dos alunos por tipo de deficiência (considerando que um mesmo aluno pode ter mais de um tipo de deficiência)

A pesquisa obteve um número maior de participantes com autismo. Esse resultado pode estar relacionado ao fato de o questionário ter sido disponibilizado via redes sociais e o engajamento ter sido maior nos grupos de familiares de autistas. No entanto, quando se avalia o tipo de deficiência por escola, percebe-se que nas escolas comuns a maior parte das matrículas é de autistas, enquanto nas escolas especiais a maior parte das matrículas é de alunos com deficiência intelectual. Esse dado reflete a dificuldade da escola regular em receber alunos com essas características.

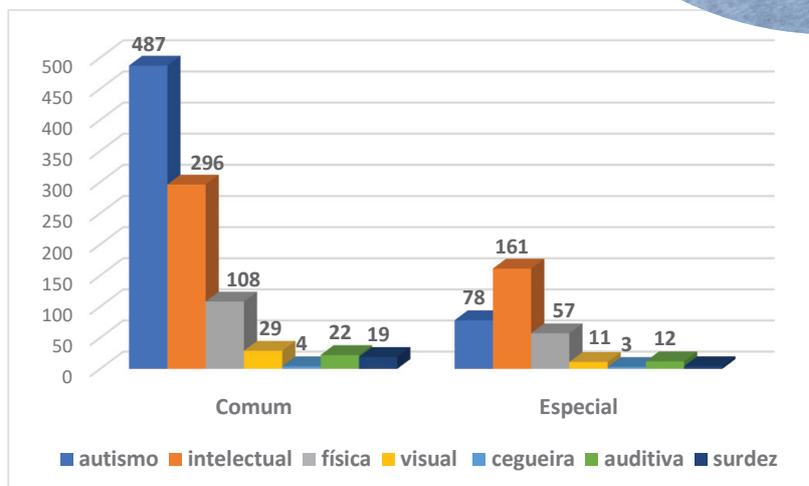


Gráfico 10. Diferença de distribuição dos alunos por tipo de deficiência entre escolas comuns e especiais (considerando que um mesmo aluno pode ter mais de um tipo de deficiência)



IDADE DOS ALUNOS

A média da idade dos alunos contemplados pela pesquisa foi de 12 anos, sendo que, nas escolas comuns, a média foi de 10 anos, enquanto nas escolas especiais, de 20 anos. Portanto, em relação ao perfil

dos alunos, as escolas comuns tinham a maioria formada por autistas com média de idade de 10 anos, e as escolas especiais tinham a maioria de alunos com deficiência intelectual com média de idade de 20 anos.

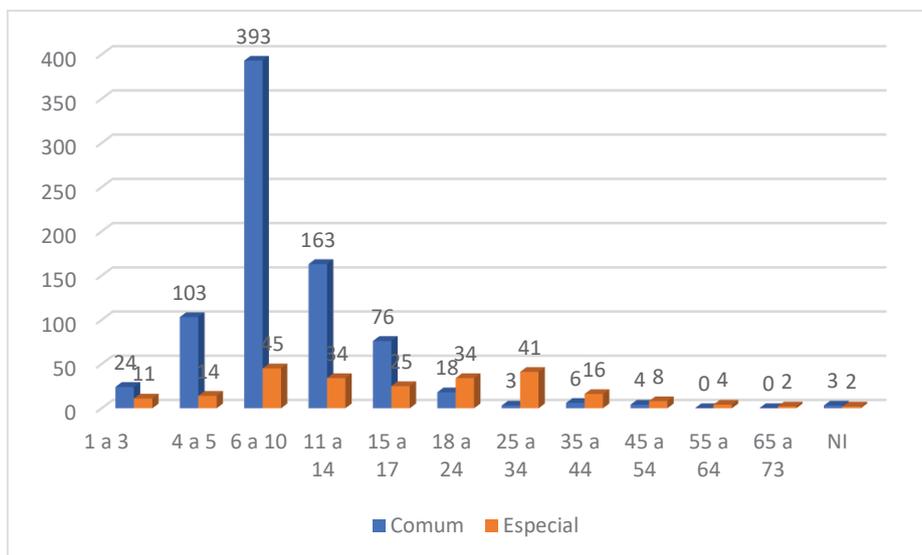


Gráfico 11. Faixa etária dos alunos matriculados em escolas comuns e especiais

Em relação às matrículas, a maior parte dos alunos matriculados, tanto nas escolas regulares (46%) quanto nas especiais (41%), estava no primeiro, segundo ou terceiro ano do Ensino Fundamental. No entanto, é importante lembrar que, enquanto a média da idade dos matriculados nas escolas municipais era de 10 anos, nas escolas especiais a média era de 20 anos.

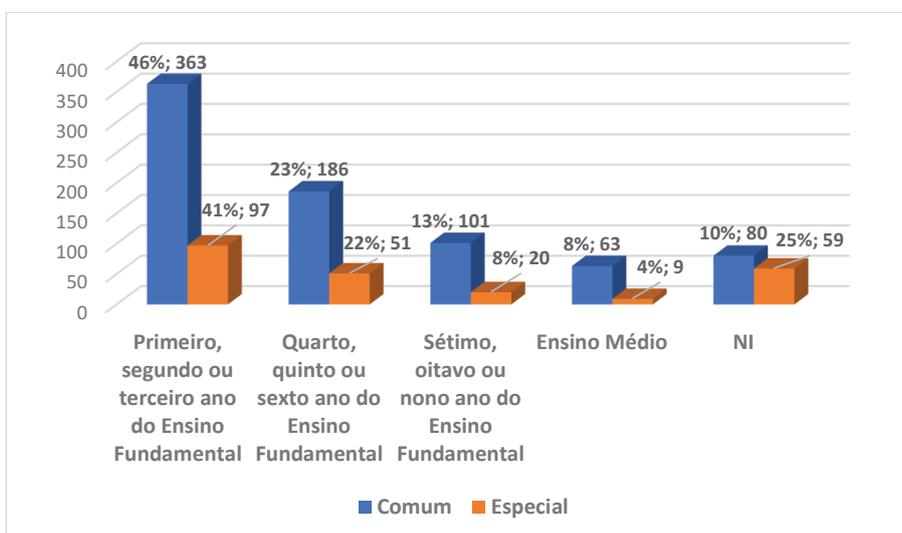


Gráfico 12. Ano escolar dos alunos matriculados em escolas regulares e especiais

RECURSOS ADICIONAIS

De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão, o profissional de apoio escolar é definido como pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência. O profissional de apoio escolar pode atuar, sempre que necessário, em todas as atividades escolares, tanto em instituições públicas

quanto privadas (SETUBAL; FAYAN, 2016). A presença do mediador, ou seja, alguém que pudesse acompanhar o aluno na realização das atividades, foi apontada pelos familiares como o recurso adicional mais demandado pelos alunos, tanto nas escolas comuns quanto nas escolas especiais.

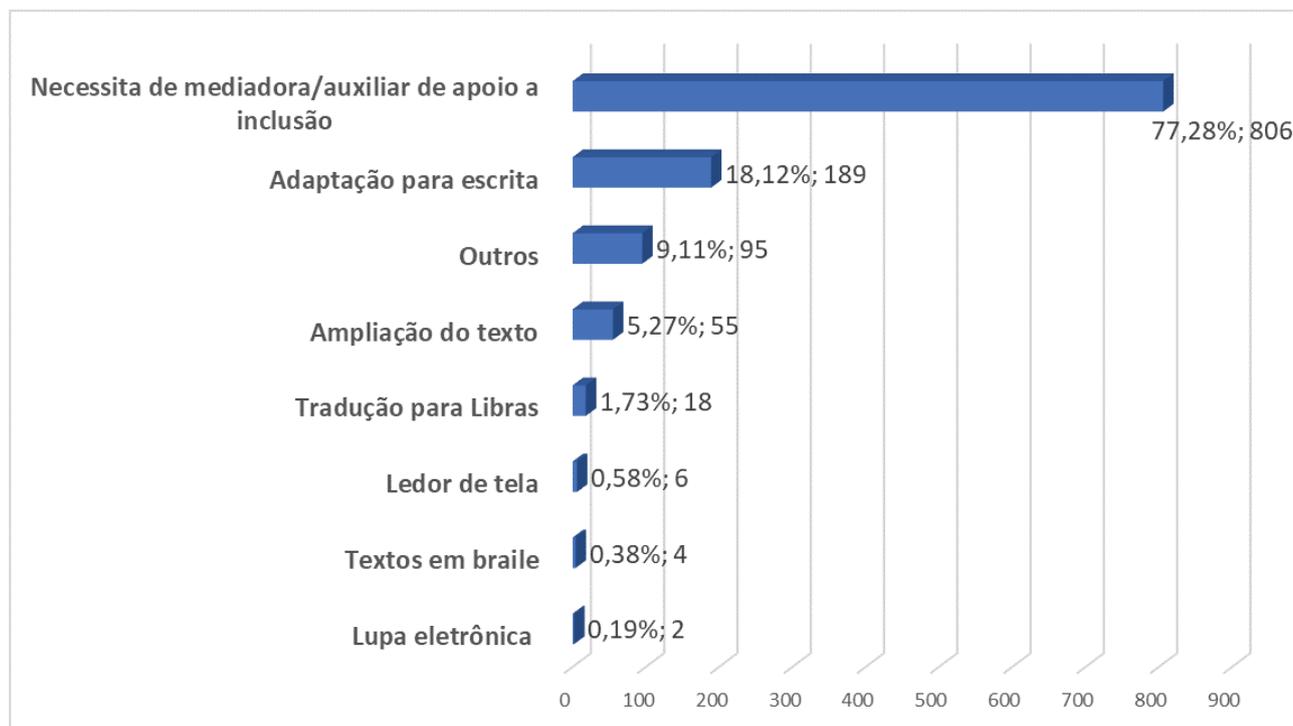
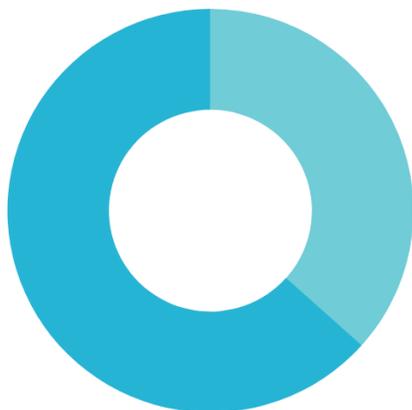


Gráfico 13. Tipos de recursos adicionais demandados pelos alunos para realização de atividades educacionais



REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES ESCOLARES



com atividades em casa
63,4%

sem atividades em casa
36,6%

Do total de respondentes, 36,63% não estavam realizando nenhum tipo de atividade escolar na época da pesquisa.

Gráfico 14. Percentual de alunos realizando atividades escolares em casa no período de coleta da pesquisa

No caso das escolas regulares, particulares ou estaduais, a maioria dos alunos estava realizando atividades em casa, enquanto nas escolas municipais, a maioria dos alunos não estava realizando

atividades em casa. Já nas escolas especiais, independentemente da responsabilidade administrativa, os alunos estavam, em sua maioria, realizando atividades em casa.

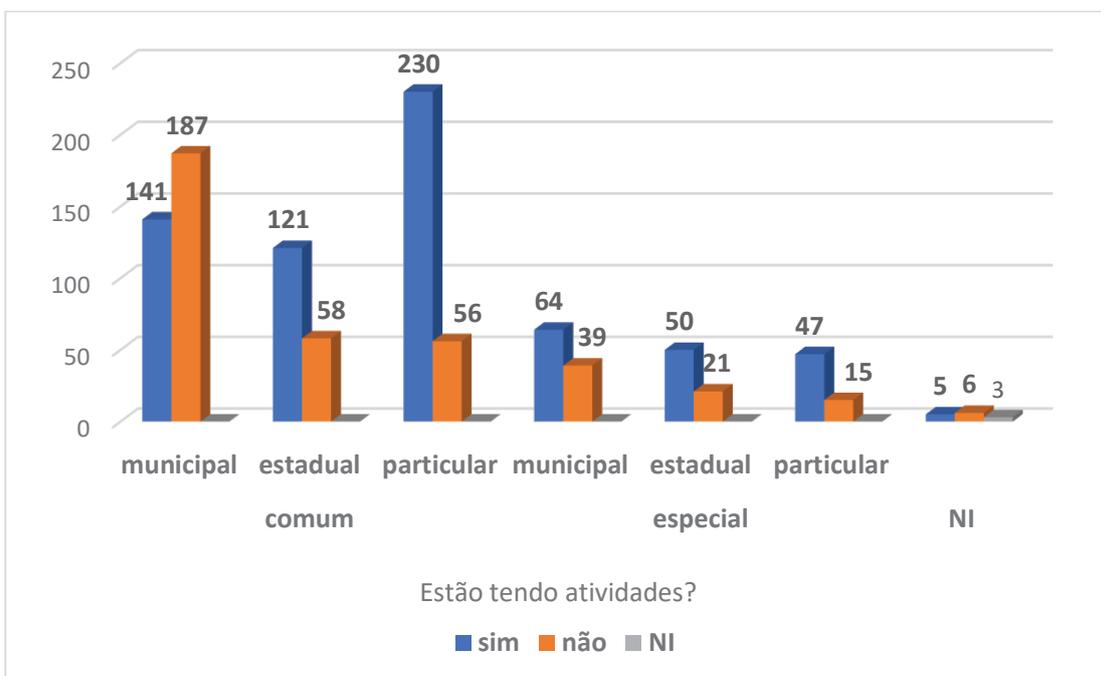


Gráfico 15. Alunos que estão ou não tendo atividades escolares em casa por tipo de escola e por responsabilidade administrativa

EIXO 2 HORIZONTAL: ALUNOS QUE ESTAVAM REALIZANDO ATIVIDADES ESCOLARES E ALUNOS QUE NÃO ESTAVAM REALIZANDO ATIVIDADES ESCOLARES

Diante do novo contexto mundial, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) se impôs como alternativa à impossibilidade das aulas presenciais. De acordo com Arruda (2020), a educação remota emergencial ocorre em situações de crise. Ou seja, é uma mudança temporária, uma forma alternativa de fornecer os conteúdos escolares. As aulas previamente elaboradas no formato presencial são transmitidas em horários específicos, geralmente no formato de *lives*. Essas são as aulas síncronas, ou seja, aquelas em que o professor está *on-line* ao mesmo tempo que os alunos, dando aula. Existem ainda as aulas assíncronas, quando o conteúdo é gravado e os alunos podem acessar em momentos diferentes. Segundo Arruda,

a educação remota é um princípio importante para manter o vínculo entre estudantes, professores e demais profissionais da Educação. A resposta em contrário pode representar o afastamento por muitos meses de estudantes dos espaços escolares (físicos e virtuais), o que pode comprometer a qualidade da educação, possivelmente mais do que a implementação de iniciativas que mantenham tais vínculos, apesar das limitações que venham a conferir (ARRUDA, 2020, p. 266)

Muitos alunos com deficiência têm dificuldades em acompanhar aula remota, o que pode ocasionar maior evasão desse grupo de alunos. Ainda assim, mesmo que a educação remota não seja a ideal, sua oferta é mais indicada do que a ausência de qualquer vínculo entre os estudantes e os professores. Em função disso, para que os alunos com deficiência se beneficiem desse tipo de educação, é necessário realizar adaptações e planejar, levando em consideração as especificidades de cada um.

Esse eixo da pesquisa procurou explorar como os alunos com deficiência, a partir da percepção dos parentes, têm vivenciado esse momento. Perguntas diferentes foram feitas para os estudantes com deficiência que estavam estudando e que não estavam estudando.





ALUNOS QUE ESTAVAM REALIZANDO ATIVIDADES ESCOLARES

Os alunos que estavam realizando atividades escolares na época da pesquisa somavam 63,37% dos respondentes, ou seja, 661 questionários. Desse conjunto, 45,54% dos respondentes não tinham nenhum suporte individualizado ofertado pela escola, enquanto 20,27% tinham encontros virtuais com o mediador.

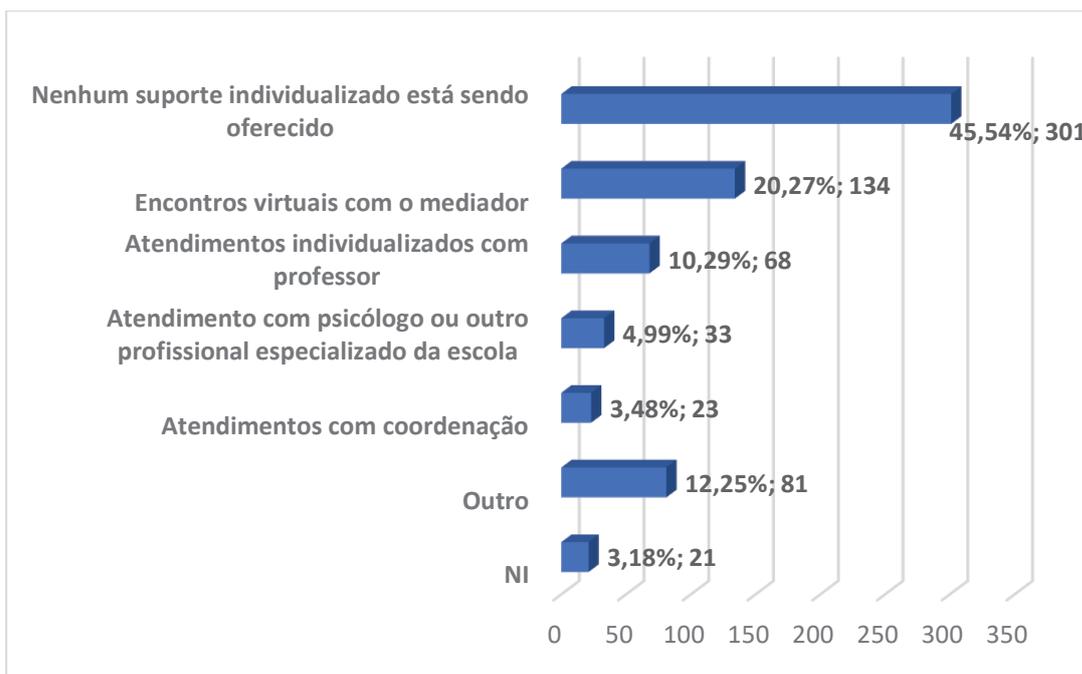


Gráfico 16. Tipos de suporte oferecidos pelas escolas aos alunos que realizaram atividades escolares em casa

AULAS SÍNCRONAS

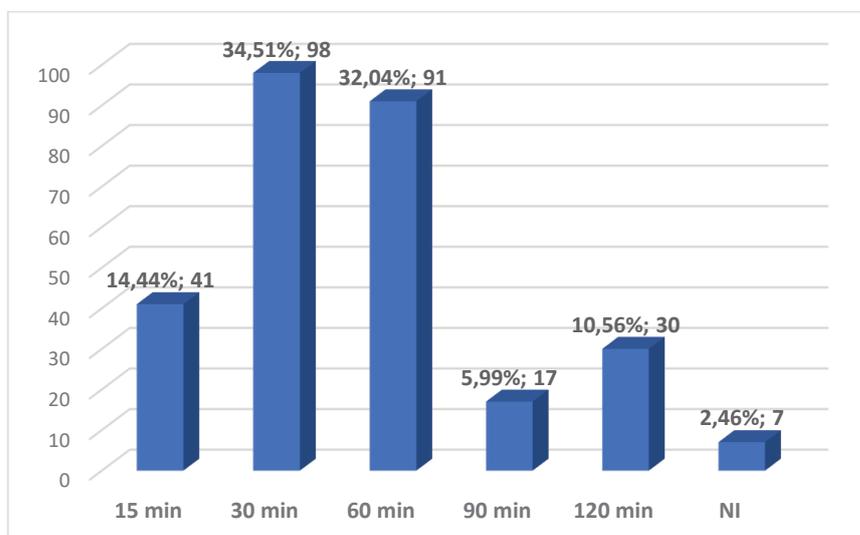
Uma outra questão feita aos participantes foi sobre a participação dos alunos nas atividades remotas, no caso, as aulas síncronas com a professora. De acordo com os respondentes, 56,88% dos alunos não estavam realizando esse tipo de atividade.



A maioria dos alunos não estava tendo aulas ao vivo, acompanhadas por um(a) professor(a).

Entre aqueles que estavam realizando essas aulas síncronas, estas tinham um tempo médio de duração de 51 minutos, sendo que 67% dos alunos tinham aulas que variavam entre o intervalo de 30 a 60 minutos.

Gráfico 17. Distribuição do tempo médio de duração das aulas síncronas realizadas em casa



Um dos principais desafios em relação aos alunos em tempos de pandemia, independentemente de terem ou não uma deficiência, é a tolerância em cada atividade. Dos 284 alunos que realizavam aulas síncronas, apenas 32% permaneciam o tempo todo. Ou seja, 68% não toleravam permanecer nas atividades durante o tempo previsto, sendo esse percentual dividido da seguinte forma: 22% permaneciam quase o tempo todo, 14% permaneciam a metade do tempo, cerca de 8% permaneciam menos da metade do tempo e 22% por pouco tempo, apresentando uma tolerância baixa.



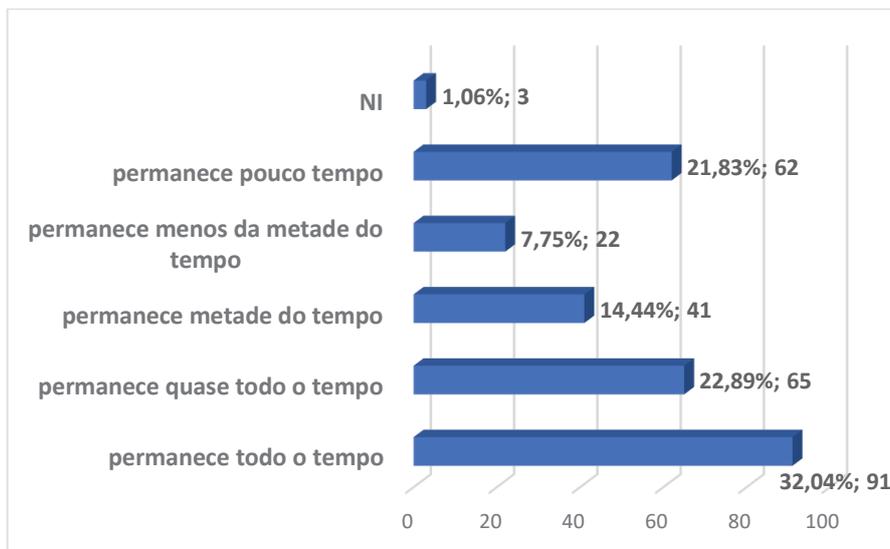


Gráfico 18. Distribuição dos alunos por tempo de tolerância às aulas síncronas realizadas em casa



Dos 284 alunos que realizavam aula síncrona, apenas 12,68% conseguiam realizar a atividade de forma independente, ou seja, sem ajuda. Isso significa que boa parte das famílias, nesse contexto de pandemia e de trabalho remoto, tem que se desdobrar para auxiliar os filhos nas atividades.

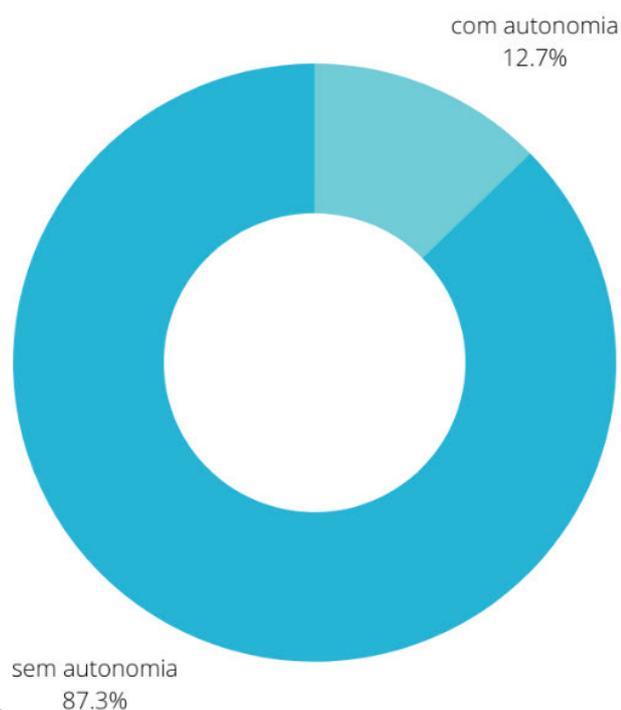


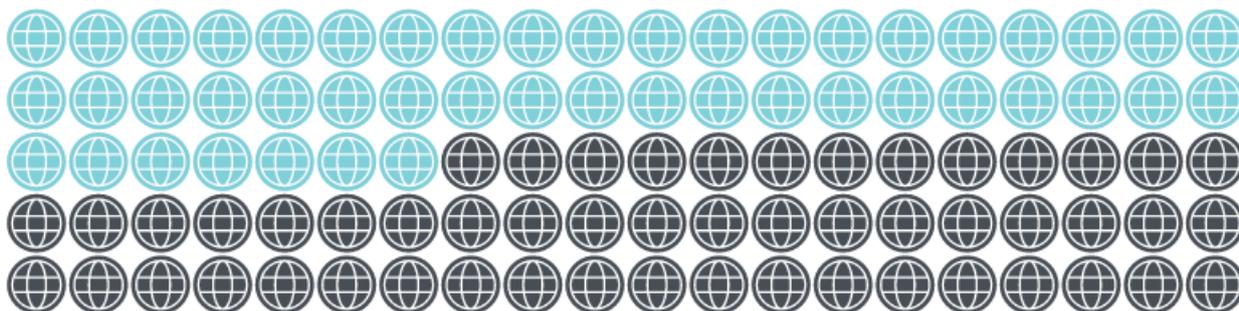
Gráfico 19. Percentual de alunos que realizam as aulas síncronas com autonomia





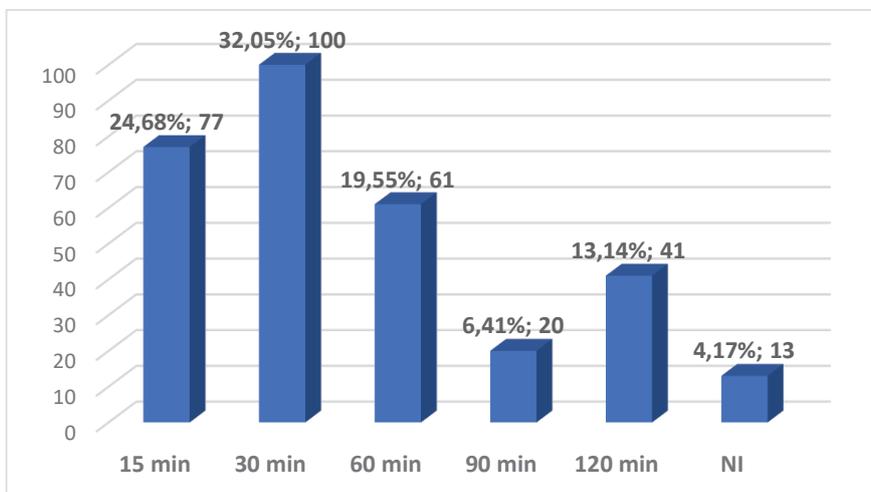
AULAS GRAVADAS

Tal como questionado para as aulas síncronas, com participação ao vivo do(a) professor(a), os respondentes também disseram sobre a sua participação em aulas gravadas: 52% dos alunos não estavam realizando esse tipo de atividade.



Pouco mais da metade dos alunos não estava tendo aulas gravadas entre as atividades realizadas.

Entre os 312 alunos que acompanhavam aulas gravadas no período, o tempo médio de duração das aulas foi de aproximadamente 49 minutos. Contudo, 57% do total de aulas variou entre o intervalo de 15 a 30 minutos.



Em termos de tolerância, mesmo predominando aulas curtas, de 15 a 30 minutos, apenas 10,9% dos alunos permaneciam atentos o tempo todo e 26,6% simplesmente não conseguiam manter a atenção para se concentrar em aulas gravadas.

Gráfico 20. Distribuição do tempo médio de duração das aulas gravadas realizadas em casa

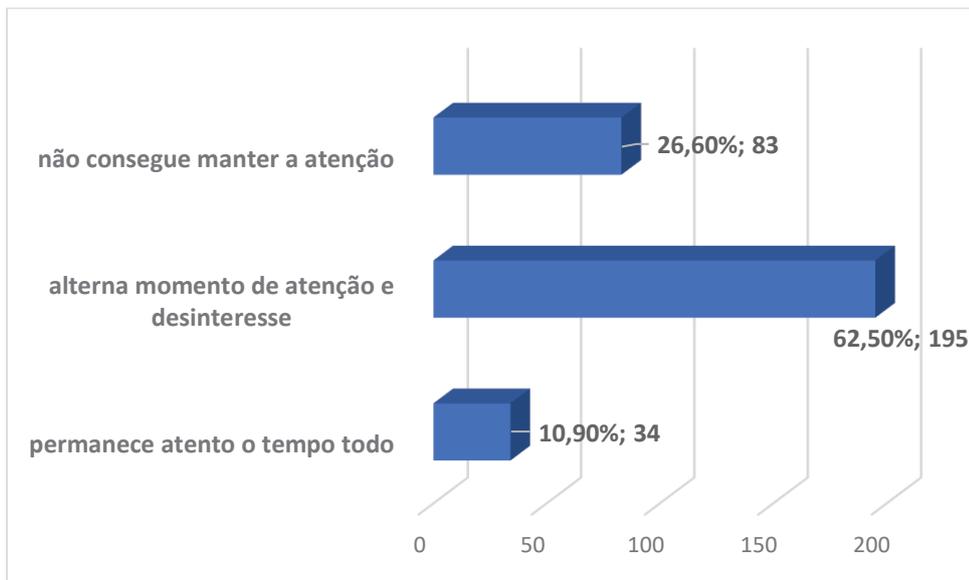
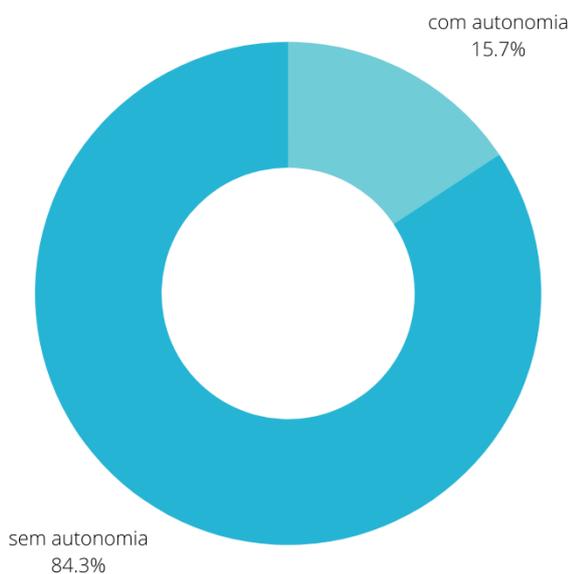


Gráfico 21. Distribuição dos alunos por tempo de tolerância às aulas gravadas assistidas em casa

Por outro lado, o grau de autonomia dos alunos foi ligeiramente superior nas aulas gravadas, se comparado às aulas síncronas, sendo 15,7% dos alunos autônomos na realização desse tipo de atividade.

Gráfico 22. Percentual de alunos que realizam as aulas gravadas com autonomia





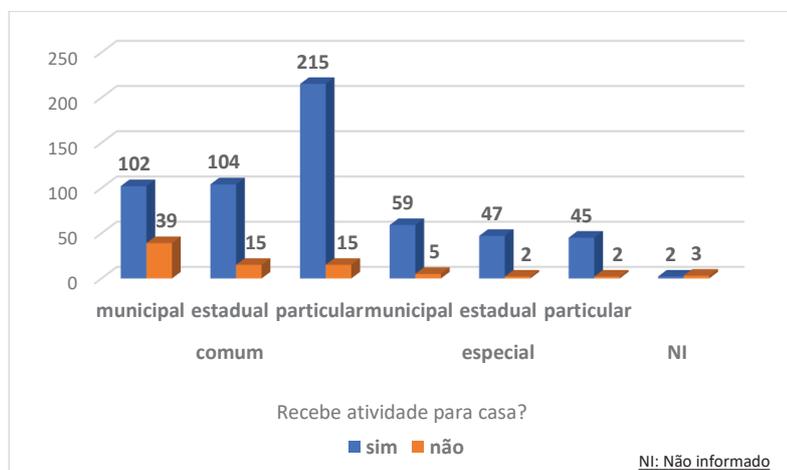
ATIVIDADES PARA REALIZAÇÃO EM CASA

Dos 661 alunos que estavam realizando atividades escolares em casa, 86,84% recebiam atividades de Para Casa.



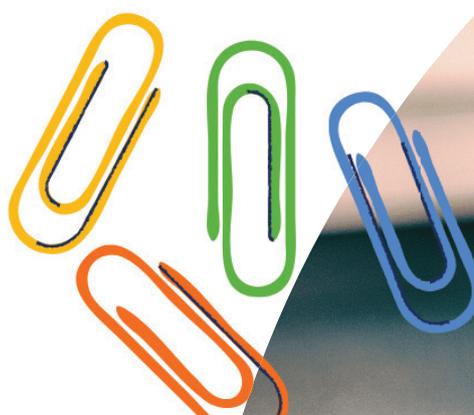
A maioria dos alunos estava realizando atividades de Para Casa.

Entre as escolas comuns, as escolas particulares são as que mais enviavam atividades escolares para os alunos (93%, comparado a 86% das escolas estaduais e 72% das escolas municipais). Já entre as escolas especiais, não há diferença significativa entre as escolas municipais, estaduais ou particulares (92%, 94% e 96%, respectivamente). A grande maioria encaminhava atividades.



É complicado para o aluno com deficiência manter a atenção nas atividades encaminhadas pelas escolas. Dos 574 alunos, 64,98% alternavam entre momentos de atenção e desinteresse.

Gráfico 23. Alunos que realizaram (sim) ou (não) atividades Para Casa por tipo de escola e responsabilidade administrativa



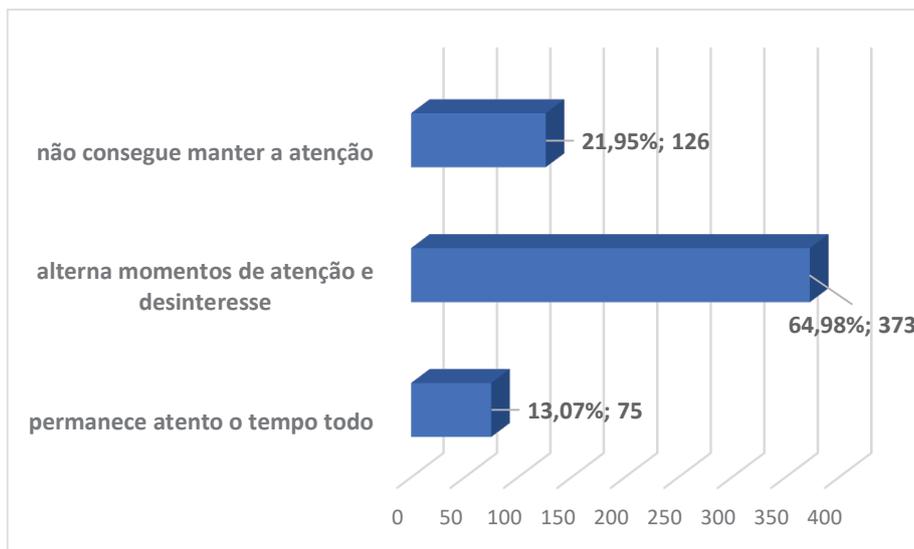


Gráfico 24. Distribuição dos alunos por tempo de tolerância às atividades de Para Casa

Dos 574 alunos, os familiares afirmaram que 86,76% não conseguem realizar as atividades de forma independente e autônoma. Esse dado chama a atenção para a necessidade dos professores planejarem as atividades dos alunos com deficiência, para que eles possam realizar as atividades com o máximo de autonomia possível.

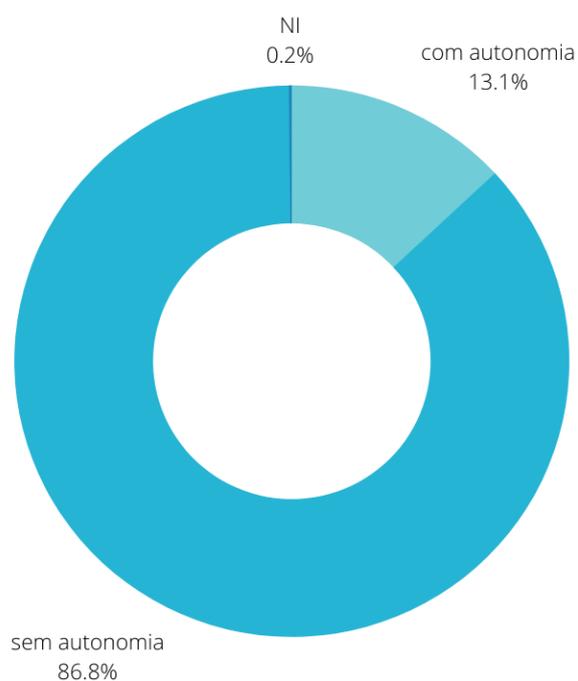


Gráfico 25. Percentual de alunos que realizam as atividades de Para Casa com autonomia

PLANEJAMENTO

As famílias afirmaram que, mesmo antes da pandemia, já existia uma dificuldade para o planejamento de atividades dos alunos por parte das escolas. Das 574 respostas obtidas, 40,77% dos alunos não recebiam atividades planejadas. Já em relação às atividades planejadas no contexto da pandemia, 55,23 % das famílias afirmaram que as atividades realizadas pelos alunos eram as mesmas realizadas pelos alunos sem deficiência. Ou seja, não existia um planejamento.

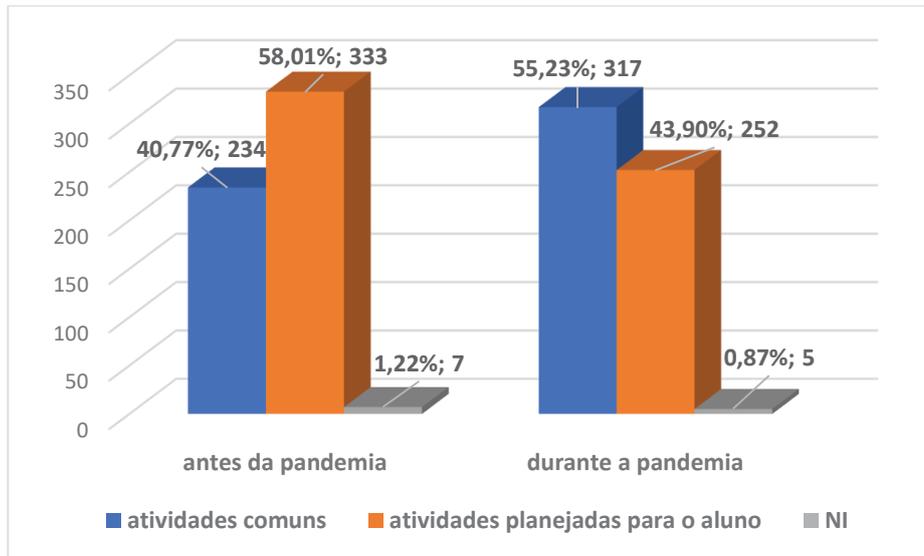


Gráfico 26. Atividades planejadas para o aluno antes e durante a pandemia

Quando as atividades eram planejadas para os alunos, geralmente o planejamento foi realizado pelo professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE), ou seja, o professor da sala de recursos multifuncionais. O Atendimento Educacional Especializado - AEE é o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, presta-

do de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular (Brasil, 2008).

Do total de 255 alunos que tiveram suas atividades planejadas, 39,61 % tiveram suas atividades planejadas pelo professor especializado. O professor regente planejou as atividades para 30,59% dos alunos e o mediador realizou essa função em 29,41% das vezes.

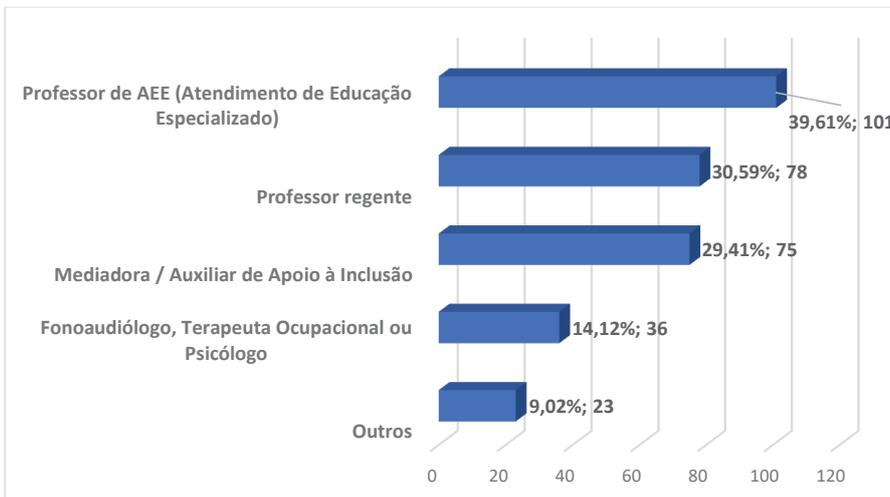


Gráfico 27. Responsável pelo planejamento de atividades específicas para o aluno

Em relação às habilidades dos alunos. 41,91% das famílias consideraram que os alunos mantiveram as habilidades adquiridas antes da pandemia. No entanto, 39,03% afirmaram que os estudantes perderam habilidades.

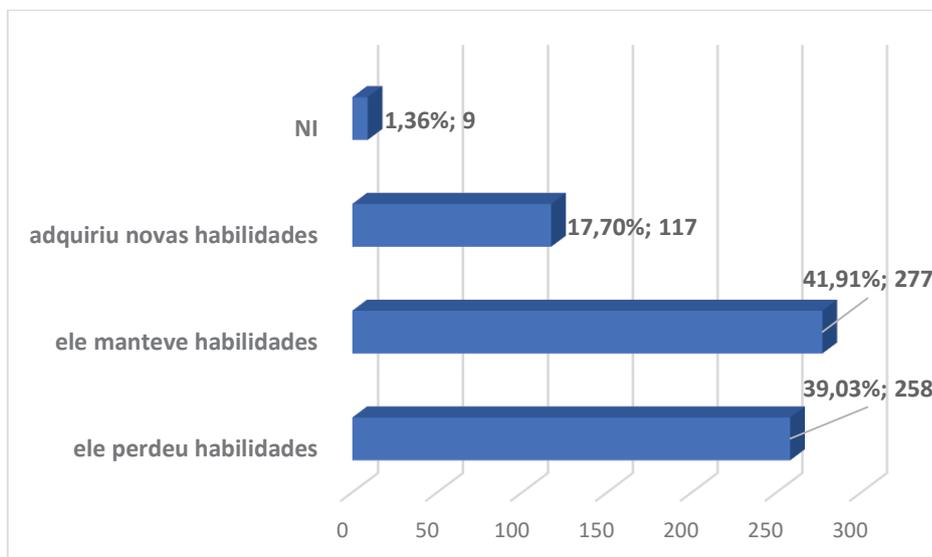


Gráfico 28. Aquisição, manutenção ou perda de habilidades dos alunos durante o isolamento social

A situação de pandemia contribuiu para a alteração de humor de adultos e crianças. No caso das famílias pesquisadas, 57,34% observaram que o aluno esteve mais agitado e 33,89% consideraram que o aluno não teve o comportamento alterado de alguma forma.

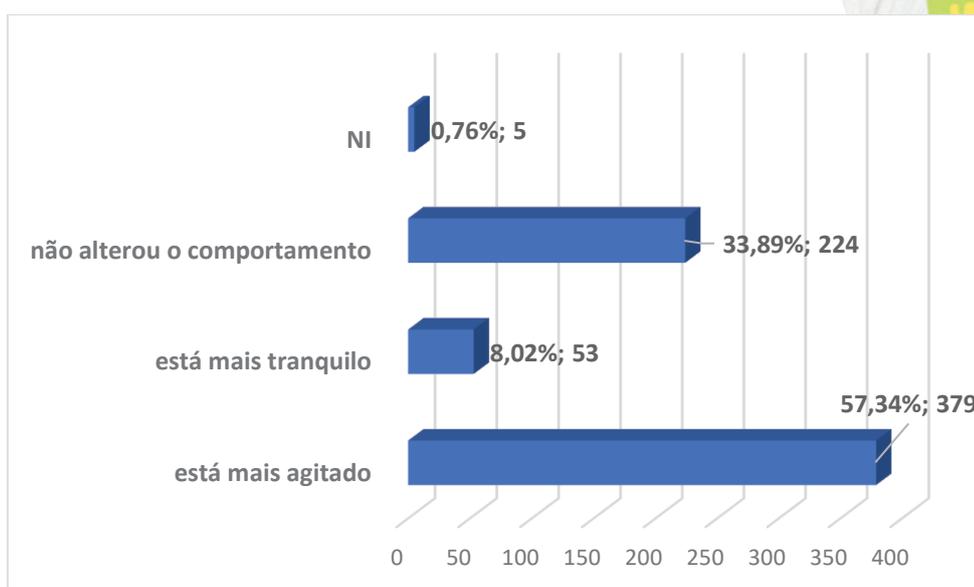


Gráfico 29. Grau de agitação do aluno durante o período de isolamento social



ALUNOS QUE NÃO ESTAVAM REALIZANDO ATIVIDADES ESCOLARES

Os alunos que não estavam realizando atividades escolares na época da pesquisa somavam 36,63% dos respondentes, ou seja, 382 questionários. No caso dos alunos que não estavam realizando atividades escolares, foi questionado às famílias o porquê dessa situação. Em 32,98% dos casos, a escola não tentou e não propôs outra alternativa; 23,30% das famílias afirmaram que a escola tentou, mas que a criança não consegue ter aula pelo computador.

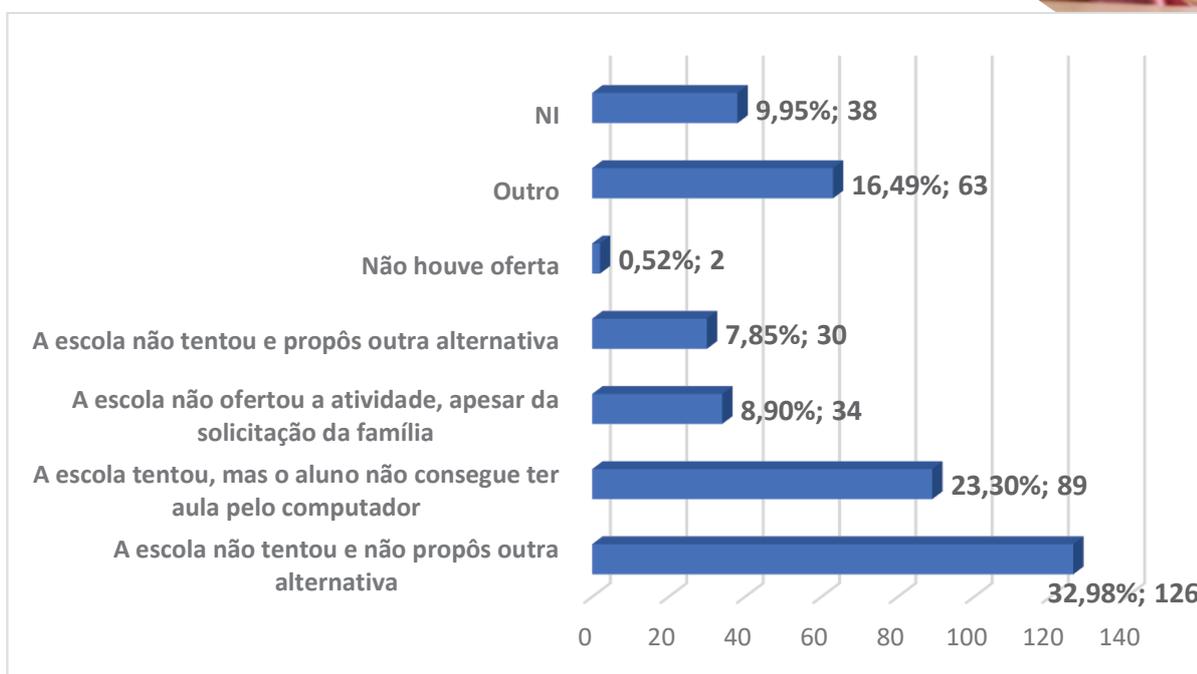
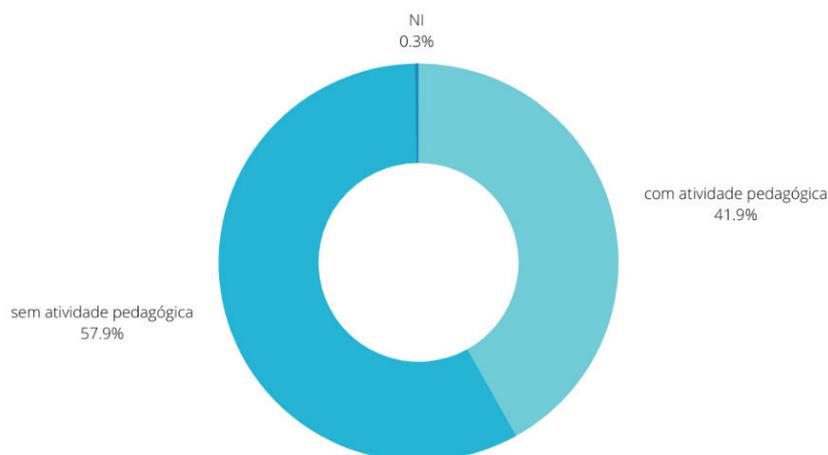


Gráfico 30. Motivos pelos quais o aluno não estava realizando atividades escolares em casa durante o período de isolamento social



Dos alunos que estavam sem receber atividades escolares, 57,85% não estavam realizando qualquer tipo de atividade pedagógica.

Gráfico 31. Percentual de alunos que realizam outras atividades pedagógicas não escolares



A maioria dos alunos, 56,28%, sentiu falta das atividades. As famílias de 31,68% não conseguiram avaliar se os alunos sentiram falta das atividades. Apenas 12,04% das famílias afirmaram que os alunos não sentiram falta das atividades.

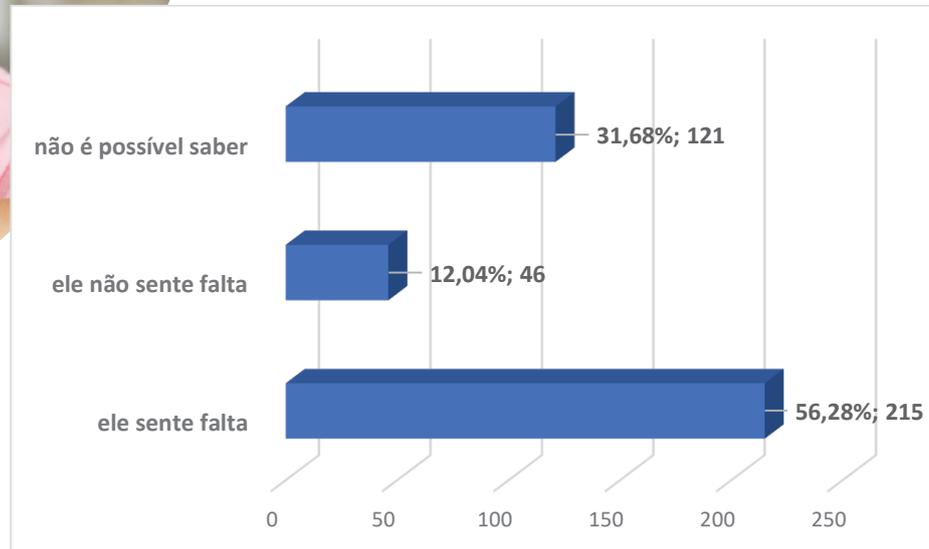


Gráfico 32. Sentimento de falta do aluno em relação à realização de atividades escolares

As famílias dos alunos que não estavam sendo assistidos pelas escolas afirmaram que 47,12% deles perderam habilidades, percentual superior ao dos alunos que estavam realizando atividades escolares em casa (39%), enquanto 35,34% disseram que os alunos mantiveram as habilidades e 15,18% acreditaram que eles adquiriram novas habilidades.

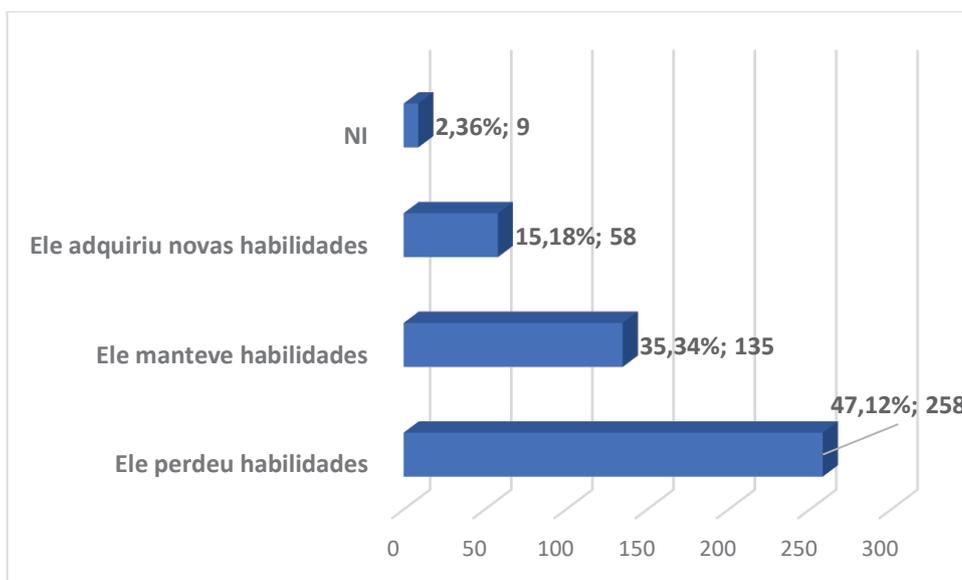
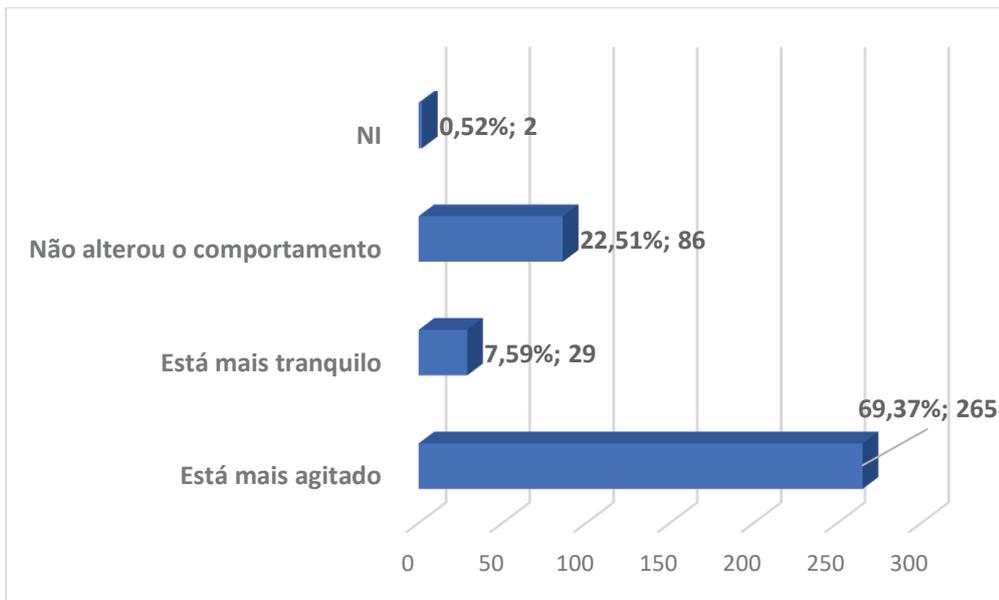


Gráfico 33. Aquisição, manutenção ou perda de habilidades dos alunos que não estavam realizando atividades escolares durante o isolamento social



Já a agitação estava mais presente nesses alunos. Entre as famílias, 69,37% afirmaram que eles estavam mais agitados. Novamente, um percentual superior ao dos alunos que estavam realizando atividades escolares.

Gráfico 34. Grau de agitação dos alunos que não estavam realizando atividades escolares durante o período de isolamento social



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa aqui apresentada retratam um momento específico em nosso país. A pandemia da Covid-19 acentuou as desigualdades que já estavam presentes na educação brasileira. De acordo com o Relatório de Monitoramento Global da Educação da Unesco:

são o sistema e o contexto que não levam em consideração a diversidade e a multiplicidade de necessidades, o que também foi explicitado pela pandemia da COVID-19. São a sociedade e a cultura que determinam regras, definem a normalidade e percebem as diferenças como desvio. O conceito de barreiras à participação e à aprendizagem deve substituir o conceito de necessidades especiais (UNESCO, 2020, p. 10)

Os alunos com deficiência necessitam de suportes específicos. Necessitam de aulas planejadas, que levem em consideração suas necessidades educacionais. A impossibilidade de determinado aluno acompanhar uma aula síncrona não impede que esse aluno possa ter assegurado seu direito à educação. Para isso, é preciso um planejamento educacional especializado (PEI). O PEI ou Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) nunca foi tão necessário. A pesquisa demonstrou que a maioria dos alunos não teve atividades planejadas. A autonomia ficou comprometida e muitos deles não conseguiram realizar as atividades sem ajuda.

Os resultados da pesquisa continuam sendo analisados e permitirão compreender melhor as perdas que os alunos com deficiência estão vivenciando e os enormes desafios que as famílias estão enfrentando.

Importante afirmar que será necessário cuidado no retorno desses alunos para as escolas nas aulas presenciais. Muitos alunos perderam habilidades e vão precisar de se readaptar aos espaços físicos, de serem reavaliados em suas competências pedagógicas e, muitos deles, vão precisar da elaboração de planos individuais que levem em conta os prejuízos desse período e que propiciem a acessibilidade curricular.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *Em Rede*, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

BRASIL. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Revogado pelo Decreto nº 7.611, de 2011 Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Básica 2020: resumo técnico*. Brasília, DF: INEP, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo Escolar 2020: divulgação de resultados*. Brasília, 29 de janeiro de 2021 a.

CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz. *Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios*. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018. (Estudos sobre Seguro, nº 32)

ORSATI, Fernanda T.; ASHBY, Christine. "My mission": life stories of mothers of individuals who type to communicate. *Considering Disability CIC*, v.1, n. 3 e 4, 2016.

PAOLIELLO, M.C. Escola pública. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

SETUBAL, Joyce Marquezin; FAYAN, Regiane Alves Costa (orgs.). *Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência – comentada*. Campinas: Fundação FEAC, 2016.

UNESCO. 2020. Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2020: *Inclusão e educação para todos*. Paris, UNESCO.



EXPEDIENTE:

GRUPO DE PESQUISA INFINITO:

Laboratório de Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão (LaPPEEI)

Laboratório de Tecnologia Assistiva (LTA)

e-SPEED

Laboratório de estudo e extensão em autismo e desenvolvimento (LEAD)

APOIO TÉCNICO:

Bárbara Freitas Paglioto

Tratamento dos dados e revisão do relatório.

Pablo Oliveira do Carmo Marcial

Tratamento dos dados.

Raíssa Cristina Almeida Coelho Brandão

Adaptação do Questionário para o *Google Forms*.

REVISÃO DO PROJETO EDITORIAL:

Naiane Almeida MG 14706 JP

PROJETO GRÁFICO:

Rodrigo Melo - contato.gluckbh@gmail.com

infinito.ufmg@gmail.com



infinito



Grupo de Pesquisa
infinito
inclusão, inovação e transformação